

O USO SOCIAL DAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO PELO SURDO: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM*

Marília Ignatius Nogueira Carneiro
Clélia Maria Ignatius Nogueira

Introdução

Desde a segunda metade da década de 1990 as pessoas surdas vivenciam um período intenso de transformações que teve início com a mudança de paradigma em sua educação - do oralismo ao bilinguismo¹ - e continua em função do desenvolvimento tecnológico que lhes proporcionou novas possibilidades de comunicação e de acesso à informação.

No âmbito educacional, as transformações aconteceram, particularmente porque mudou a concepção de surdez, que passou de patologia, deficiência ou anormalidade, como acreditavam os oralistas, para diferença linguística ou experiência visual como preconiza o bilinguismo.

No Brasil, a adoção do bilinguismo como filosofia educacional começa a se delinear com a publicação da Política Nacional de Educação Especial (PNEE) (BRASIL, 1994), na qual, aparece pela primeira vez, de forma explícita em um documento oficial brasileiro, a discussão em torno da língua de sinais na educação de surdos.

A efetivação dessa mudança se dá com a promulgação da Lei nº. 10.436 de 2002 que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão que “[...] constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”, embora

*DOI - 10.29388/978-65-86678-60-4-0-f.273-300

¹ O oralismo é a abordagem educacional que privilegia a oralização dos surdos, mediante o uso de próteses auditivas, do treinamento auditivo, e da aprendizagem da leitura labial. Para o oralismo, a denominação utilizada para as pessoas com dificuldades de audição é de deficiente auditivo. O bilinguismo considera que a primeira língua do surdo é a língua de sinais, no caso do Brasil, a Libras e depois, como segunda língua ele aprende a língua portuguesa na modalidade escrita. A denominação adotada pelo bilinguismo para a pessoa com limitações auditivas é surdo.

estabeleça, todavia, que a Libras não substitui a modalidade escrita da língua portuguesa (BRASIL, 2002).

Desta forma, mesmo com a mudança de paradigma, o conhecimento da língua portuguesa na modalidade escrita não perde sua importância e seu ensino, de acordo com Carneiro, Silva e Nogueira (2017), é motivo de preocupação por parte dos educadores, sejam eles oralistas ou bilinguistas, porque ler e escrever ainda é um enorme desafio para os estudantes surdos.

A interação pela linguagem assegura a humanização das pessoas. A privação de interações linguísticas impõe prejuízos acentuados no processo de desenvolvimento de todos os sujeitos. Não são apenas os surdos que enfrentam dificuldades dessa ordem. Entretanto, por serem usuários de uma língua sinalizada, eles foram penalizados, ao serem obrigados a empregar uma língua oral, ou a representação escrita dessa língua, ambas de difícil acesso para pessoas privadas da audição (CARNEIRO, SILVA e NOGUEIRA, 2017, p.16).

As autoras reforçam ainda que uma das principais causas de exclusão das pessoas surdas da sociedade se deve ao fato de que, embora em muitos casos sejam consideradas alfabetizadas, elas não compreendem o que leem.

Em relação aos surdos, cabe considerar que, quando ocorre o domínio da escrita, esta lhe confere autonomia e poder, visto que a escrita permite e facilita a comunicação com pessoas ouvintes que não conhecem a língua de sinais. Assim, a escrita é uma necessidade, para aproximar a minoria surda usuária de Libras, da maioria ouvinte usuária do Português. Nesse sentido, podemos afirmar que a escrita é uma ferramenta de acessibilidade (CARNEIRO, SILVA e NOGUEIRA, 2017, p.16).

Praticamente de maneira sincrônica à mudança de paradigma educacional, nos anos finais do século XX, e de modo mais intenso a partir deste século XXI, os recursos tecnológicos de informação e comunicação abriram novas possibilidades de comunicação e de acesso à informação para os surdos.

Alguns novos recursos tecnológicos, quando adequadamente empregados, favorecem a acessibilidade dos surdos à comunicação e, assim, permitem sua inclusão social. Em algumas cidades brasileiras, o poder público

tem proporcionado o acesso à internet gratuitamente, ampliando o número de usuários. Para os surdos, recursos sofisticados como celulares com tecnologia *Ipod IOS* ou *Android*, representam muito mais do que *status* social. Eles dizem respeito à busca de condições de igualdade na comunicação, enfim representam ferramentas de acessibilidade.

A comunicação com apoio de tecnologias não favorece apenas os contatos a distância. Para os surdos eles são utilizados até mesmo nas interlocuções presenciais com ouvintes não usuários de Libras. Nesses momentos estes recursos são empregados para escrever “bilhetes” digitais. Para Goettert (2014), as novas tecnologias estão acessíveis aos cidadãos surdos, contribuindo não apenas para o fortalecimento e compartilhamento de informações entre eles, mas favorecendo o contato social entre surdos e ouvintes, de maneira que não apenas os conhecimentos, mas também os valores culturais possam ser compartilhados.

As relações de trabalho também são favorecidas com os recursos tecnológicos. A “conversa” entre colegas, entre “chefe” e empregado, as orientações das instituições e empresas são compartilhadas, de maneira muito mais ágil com os recursos tecnológicos, isto é, os ouvintes e surdos se relacionam mediante mensagens de celulares, *WhatsApp* e *e-mails*.

A *internet* amplia e potencializa o acesso à liberdade e à autonomia. A informação disponibilizada na rede sacia e fomenta a curiosidade, fornece informações e favorece a construção do conhecimento de maneira independente da escola. Com os recursos tecnológicos atualmente disponíveis, o acesso à informação e ao conhecimento passou a ser possível dentro e fora da escola. Entretanto, a escola se apresenta como espaço privilegiado para oportunizar os conhecimentos necessários para que se possa usufruir desses recursos, dentre esses conhecimentos encontra-se a leitura em língua portuguesa.

A condição sensorial dos surdos reforça ainda mais a importância dos recursos tecnológicos no seu dia a dia. Um ouvinte tem acesso espontâneo à informação pela via da audição. Assim, o ouvinte pode estar na cozinha da sua casa e ter acesso a uma informação apenas ouvindo um rádio, ou televisão ou ainda, uma conversa de familiares em outro cômodo. Para o surdo, as informações se tornam plenamente acessíveis pela via visual. Assim, a presença física do emissor da informação é fundamental e isto pode ser facilitado com as ferramentas tecnológicas atualmente disponíveis.

Considerando então, que com os recursos tecnológicos os surdos passaram a utilizar, com maior intensidade, a língua portuguesa na modalidade escrita em suas interações sociais, é legítimo indagar se o uso das tecnologias atuais impactaria a aprendizagem da escrita pelo surdo.

Para responder a esta questão, foi realizada uma investigação que objetivou estudar três aspectos a saber: a) se os surdos utilizam a língua portuguesa escrita para se comunicar virtualmente e qual a importância que atribuem a esta forma de comunicação; b) se a utilização de *softwares* que apontam erros de grafia e sintaxe poderiam contribuir com a aprendizagem da escrita e c) Se os surdos alfabetizados compreendem o que leem. Cada uma dessas questões se constituiu em uma etapa de investigação realizada com dez surdos, membros de uma Associação de Surdos, escolarizados segundo a abordagem oralista.

Percursos metodológicos

Participaram da investigação, dez surdos escolarizados, que haviam sido escolarizados na perspectiva oralista. Desses colaboradores, integrantes de uma associação de surdos e com idades entre 25 e 40 anos, seis possuíam escolaridade em nível superior e quatro em nível médio. Nossa intenção nessa escolha foi identificar o uso social das tecnologias de comunicação², com ou sem o uso da escrita, e os benefícios em linguagem e aprendizagem percebidos pelos usuários. Atribuímos aos colaboradores nomes fictícios.

Apresentamos, a seguir, quadro síntese das características dos colaboradores de nossa investigação.

Quadro 1: Perfil dos colaboradores

Nome	Idade	Sexo	Grau de surdez	Formação	Modalidade de Comunicação
ALICE	25	F	SEVERA	Pós-Grad.	Língua Portuguesa oral e escrita e Libras
CRISTINA	44	F	PROFUNDA	Ensino M.	Português escrito e Libras
DAIANE	28	F	PROFUNDA	Pós-Grad.	Língua Portuguesa oral e escrita e Libras
DOUGLAS	28	M	PROFUNDA	Graduação	Língua oral, Português escrito e Libras

² Por “uso social das tecnologias de informação” neste artigo consideramos a utilização de meios digitais de comunicação nas interações sociais.

ELOISA	35	F	PROFUNDA	Ensino M.	Português escrito e Libras
FABIOLA	26	F	SEVERA	Pós-Grad.	Língua oral, Português escrito e Libras
MAURICIO	37	M	PROFUNDA	Graduação	Língua oral, Português escrito e Libras
RODRIGO	26	M	PROFUNDA	Ensino M.	Língua oral, Português escrito e Libras
SAMUEL	28	M	PROFUNDA	Ensino M.	Português escrito e Libras
TATIANE	37	F	PROFUNDA	Pós-Grad.	Português escrito e Libras

Fonte: As autoras

Considerando a amplitude da investigação, a opção metodológica adotada foi a realização em três etapas, embora os colaboradores fossem os mesmos. Para cada etapa os instrumentos de produção de dados foram diferentes, no entanto em todas foram realizadas entrevistas com os participantes, conforme é detalhado na apresentação de cada etapa. As entrevistas foram realizadas em Libras, pela primeira autora deste capítulo, que também é surda, e gravadas em vídeo com o auxílio de um *smartphone* sendo posteriormente transcritas.

Cada colaborador participou de um encontro individual com a pesquisadora surda, com duração em média de 80 minutos assim distribuídos: 15 minutos para a realização do solicitado na primeira etapa, 35 minutos para a segunda e 30 minutos para a terceira.

Apresentamos a seguir cada etapa, no que se refere à questão norteadora, o instrumento de produção de dados e a análise e discussão destes dados.

Etapa 1 ou *A importância da língua portuguesa escrita nas interações cotidianas de adultos surdos mediante recursos tecnológicos*

A primeira etapa de nossa investigação foi norteadora pela seguinte questão de pesquisa: *É fato que são muitas as possibilidades de recursos tecnológicos para a utilização pelos surdos, mas estariam eles efetivamente usufruindo desses recursos? Se sim, quais são os preferidos por eles? E em quais situações de interação os surdos os utilizam?*

O instrumento utilizado para a produção dos dados nesta etapa foi uma entrevista sustentada em um roteiro com 16 questões abertas, respondidas sem intervenção, isto é, as respostas não eram discutidas. Entretanto, caso os participantes apresentassem dúvidas a respeito das questões, elas eram reformuladas até que o colaborador se sentisse em condições de respondê-las. Depois de analisar as respostas de cada colaborador, foram estabelecidos os pontos em comum que permitiram responder à questão norteadora.

As questões não foram entregues aos colaboradores por escrito, mas formuladas pela pesquisadora surda diretamente em Libras. Elas buscavam identificar a experiência de cada um deles no uso social das ferramentas tecnológicas: de quais recursos tecnológicos eles dispõem e utilizam; se têm acesso à *internet*; se consideram o uso da escrita digital difícil; quais são suas preferências, vídeo ou texto, para se comunicar com pessoas ouvintes e surdas (CARNEIRO, 2016).

O roteiro para a entrevista foi composto das seguintes questões: 1) Você acessa os recursos tecnológicos sempre? Às vezes? Raramente? 2) Em quais situações você usa a leitura e a escrita? 3) Já sentiu dificuldade em usar a escrita? 4) Acessa internet todos os dias, algumas vezes na semana, raramente ou nunca? 5) Qual o site você acessa mais? 6) Utiliza o celular para enviar e receber mensagens sempre? Com quem você se comunica nessas situações? 7) E quanto ao e-mail? Você utiliza esse recurso para se comunicar? Com quem você se comunica nessas situações? 8) Como seria sua vida sem a possibilidade de se comunicar por meio de mensagens no celular e no e-mail? Faria falta para você? O que você sentiria? 9) Você acha que é difícil compreender plenamente as informações escritas, através da língua portuguesa, nos meios de comunicação, por exemplo, jornal, revista, televisão com legenda, computador, *tablet*, livros, enfim, todos os recursos tecnológicos que empregam a escrita? 10) Você assiste televisão com legenda? Se fosse sem legenda, o que você sentiria? 11) Acha que as novas tecnologias são importantes para os surdos? 12) Você prefere os recursos tecnológicos que permitem sinalizar na webcam, por exemplo, “viável”³, “Skype”, oovoo e outros; ou prefere escrever e digitar em português escrito, em recursos como o celular, e-mail, *facebook*, ente outros? 13) Você acha que aprendeu escrever

³ Foram utilizadas as referências “viável” e *Skype*, por ser desta forma que os colaboradores se referem a esses recursos. A escolha foi feita pela pesquisadora surda participante da mesma comunidade dos colaboradores.

melhor usando as ferramentas tecnológicas do que usando livro impresso e papel? 14) Você passou a usar mais a escrita com o avanço dos recursos tecnológicos, ou a frequência do uso da escrita não se alterou na sua vida? 15) Quando você desconhece uma palavra escrita, em português, como você procura seu significado? Que recursos utiliza nessas situações? 16) Você acha que o Português escrito é importante em sua vida? Por quê?

Em função da limitação do espaço de um capítulo, apresentamos uma síntese dos resultados obtidos, possibilitando, sempre que for pertinente, a “palavra” ao colaborador.

Todos os colaboradores de nossa investigação utilizam celulares cotidianamente e, no que se refere aos demais recursos tecnológicos, sete afirmam utilizar sempre, enquanto dois, apenas às vezes e um dificilmente. A justificativa para a utilização quase que exclusiva do celular (*smartphone*) é que eles já apresentam recursos como acesso à *internet (wifi)*, redes sociais e diferentes aplicativos, como o *whatsApp* e *IMO*, além de estar sempre ligado e disponível.

Apesar de preferirem os aplicativos em vídeo, muitos afirmam que não possuem dificuldades na utilização social do Português⁴escrito, sendo que um participante, inclusive afirma que, depois que passou a conviver apenas com surdos e a se comunicar quase que exclusivamente em Libras, “se esqueceu” um pouco da língua portuguesa, atualmente essa colaboradora tem vontade de voltar a aprendê-la.

Antes eu entendia melhor e escrevia melhor porque convivia só com ouvintes. Depois comecei a conviver mais com os surdos e a utilizar português e Libras. Agora quase deixei o português de lado e uso só Libras. Sou feliz assim. Mas tenho vontade de voltar a escrever. Algumas pessoas diziam que minha escrita era errada. Eu me fechei. Me senti restrita e limitada. De fato, eu escrevo errado. Atualmente estou tentando desenvolver mais minha escrita, retomar minha aprendizagem do início (TATIANE - resposta à pergunta 3).

Outro participante reforça essa questão ao afirmar que ele, na maioria das vezes, utiliza os aplicativos de escrita, mas que hoje “[...] com a *webcam*

⁴ Por “utilização social do Português escrito” estamos considerando interações cotidianas sustentadas nesta forma de comunicação possibilitada pelos recursos tecnológicos como celulares, computadores, dentre outros.

parece que as pessoas estão usando menos a escrita” (DOUGLAS - resposta à pergunta 12).

No que se refere à leitura, todos afirmam que possuem dificuldades. Se o texto é simples, eles compreendem bem. Como nas interações cotidianas, ou seja, no que se refere ao uso social da escrita, os participantes afirmam que não apresentam dificuldades, pois os textos são curtos, simples e contextualizados e dois deles afirmaram que utilizam a escrita na comunicação com ouvintes e vídeos em Libras, principalmente para a comunicação com surdos que ainda não se apropriaram da escrita.

As ferramentas tecnológicas são fundamentais para todos os entrevistados. Eles relatam que não conseguiriam mais se adaptar a um mundo sem essas ferramentas, destacando que teriam muita dificuldade de comunicação.

Se não existe, parece que eu também não existo, fico sem comunicação, sem ninguém com quem me comunicar. Parece que não existe mais ninguém, que eu não tenho um lugar no mundo. Por exemplo, como os surdos poderiam combinar um encontro? Sem e-mail, como vou saber o que está acontecendo? (FABIOLA - resposta à pergunta 8).

Os colaboradores da pesquisa ressaltam, constantemente, a importância dos recursos tecnológicos e como sua qualidade de vida melhorou com eles. De acordo com uma entrevistada, depois que as ferramentas tecnológicas apareceram “[...] não tem como as excluir. Uso eles sempre. Elas estão como que coladas em mim. Nunca se separam” (DAIANE - resposta à pergunta 8).

Ao serem indagados sobre a importância da língua portuguesa em suas vidas, houve unanimidade acerca da necessidade de o surdo conhecer as duas línguas. Na modalidade escrita, entendem que o Português é um conhecimento obrigatório para os surdos, no entanto, a modalidade oral deve ser uma escolha dos surdos, bem de acordo com o estabelecido na legislação brasileira para a educação bilíngue dos surdos.

A minha opinião, o Português é importante. Mas para os surdos, a Libras está em primeiro lugar e em segundo lugar o Português. Porque estamos “morando” no mundo ouvinte. Se o mundo fosse surdo, é claro que só usaríamos a Língua de Sinais. Por vivermos em um mundo ouvinte, ficamos restritos, limitados... Com a Libras, como primeira língua, e o

Português, como segunda língua, fica mais fácil a comunicação. [...] Para os surdos, e primeiro lugar deve vir a Libras, depois o Português básico (RODRIGO - resposta à pergunta 16).

Com esta etapa buscamos alcançar os dois primeiros objetivos específicos de nossa investigação. No que se refere ao objetivo específico: *Identificar se, quais e como os surdos colaboradores da pesquisa utilizam recursos tecnológicos em suas interações cotidianas*, os resultados indicam que os surdos colaboradores são experientes no uso de ferramentas tecnológicas e não encontram muita dificuldade de acessibilidade à comunicação mediante tais recursos.

Para a consecução do segundo objetivo específico: *Identificar a importância atribuída pelos colaboradores à Língua Portuguesa escrita em suas interações cotidianas*, considerando que são muitas as ferramentas tecnológicas disponíveis para a utilização pelo surdo, tanto para se expressar em Libras, como o Viável, os *softwares* IMO e o Skype, quanto pela linguagem escrita, como as redes sociais representadas pelo *Facebook* e o *twitter*, esta etapa apontou que a mais utilizada é o celular, principalmente através do aplicativo *whatsapp*, porque permite a comunicação tanto utilizando a escrita quanto a Libras.

Os entrevistados, não importando sua idade, consideraram que conhecer a língua portuguesa na modalidade escrita é fundamental para os surdos. Entretanto, quando se trata de comunicação entre eles, sempre que as condições são possíveis - isto é, "exista um local certo e com apoio" (Maurício) - esta se efetiva, mediante vídeos em Libras. As condições apontadas para a comunicação em vídeo ser efetivada indicam a necessidade de se ter relativa privacidade, contar com aparador para o celular que possibilite ficar com as mãos livres para sinalizarem. Caso contrário, recorrem à escrita, mas essa forma nem sempre favorece a comunicação pois ainda são muitos os surdos que não se apropriaram da leitura e da escrita.

Quando a comunicação é entre surdos e ouvintes, a preponderância é pela utilização da escrita pois, neste caso, praticamente todos os ouvintes são "iletrados" em Libras. Esta interação também apresenta restrições, pois a escrita dos surdos nem sempre é compreendida pelos ouvintes, ficando a comunicação limitada a frases curtas e contextualizadas. É fato que é desta forma que também ocorre a comunicação escrita via *whatsapp* entre ouvintes.

A diferença aqui é que quando há necessidade de uma interação mais complexa, os ouvintes recorrem à mensagem audiogravada.

Assim, as possibilidades de comunicação entre ouvintes e surdos, apesar de ter tido um ganho significativo com os recursos tecnológicos, ainda segue restrita em função quer da insuficiência do repertório lexical ou sintático dos surdos, quer do desconhecimento da Libras pelos ouvintes.

Após a constatação da familiaridade e acesso a recursos tecnológicos de nossos colaboradores apesar da fragilidade de sua leitura e escrita conforme seus relatos, nossa investigação avançou no sentido de buscar identificar se ferramentas tecnológicas como o *software Word* podem contribuir para a aprendizagem da língua escrita, estando estabelecida a segunda etapa da investigação.

Etapa 2 ou *A percepção dos surdos acerca dos equívocos cometidos em suas produções escritas*

A segunda etapa teve como questão norteadora: *Poderiam ferramentas tecnológicas como o software Word contribuir para a aprendizagem da língua escrita pelo surdo ao lhe possibilitar identificar seus equívocos e sugerir alternativas para a sua correção?*

A conjectura inicial foi de que como esses *softwares* corrigem o que está escrito errado, seja na ortografia ou na gramática, poderiam funcionar como um “professor virtual”. Além disso, caso as alternativas para as correções apresentadas pelo *Word* contenham palavras desconhecidas pelo surdo, é sempre possível buscar seu sinônimo, utilizando os mesmos recursos tecnológicos, de maneira a ampliar o vocabulário.

Para responder a esta questão, os participantes foram solicitados a produzir um texto manuscrito com aproximadamente 20 linhas, com tema livre, podendo narrar alguma experiência de sua vida pessoal ou profissional, algum episódio escolar, enfim, o que desejassem. Em seguida foi-lhes solicitado que digitassem o texto produzido utilizando o *Word*. Com os avisos para a autocorreção do *software*, efetivados por sublinhamento em vermelho ou verde. Todos os participantes sabiam o significado do sublinhado em vermelho enquanto apenas quatro não conheciam o do sublinhado em verde.

Após esta tarefa, cada um dos sujeitos foi entrevistado individualmente pela pesquisadora surda apoiada em quatro questões⁵. A análise dessas entrevistas mostrou que os participantes perceberam os erros que tinham cometido na escrita no papel.

Todos perceberam seus erros, quando transcreveram seus manuscritos no computador em função dos sublinhados e afirmaram se sentir “confortáveis” ou “com confiança” porque o computador os alertara sobre seus erros e os podiam corrigir. Houve até uma justificativa de que o fato de o computador permitir esta autocorreção imediata é “importante para o meio ambiente”, pois não seria preciso “jogar os papéis”. Destacaram ser importante este *software* porque permite ao escrevente apagar, escrever, corrigir, reescrever, tudo no computador.

Nove dos dez entrevistados mudariam seus manuscritos após a digitação no *Word*, conforme ilustra o depoimento a seguir:

Sim. Porque é diferente. Quando escrevi depois escrevi no computador papel, não prestei muita atenção. Depois, quando digitei no computador, levei um susto, porque vi que tinha muitos erros. Ele me avisa o que mudar (TATIANE - resposta à pergunta 2).

No que se refere à experiência de digitar, um colaborador declarou que não costuma fazer isto porque “não gosta de computador”. Outro disse que preferia escrever no papel, pois o papel não aponta os seus erros. O computador expõe suas limitações e o deixa desconfortável:

Eu prefiro escrever cartas [...] eu digito e aparece errado. Ele (o computador) me avisa os erros. Eu me sinto limitada. Tenho vergonha. Escrevendo no papel, me sinto normal, sem saber de meus erros (inocente) (TATIANE - resposta à pergunta 3).

Os demais colaboradores, à exceção do que não usa o computador, ao contrário da citação anterior, consideraram esta percepção positiva, entretanto, um deles alertou para o risco de se parar de prestar atenção ao que se escreve, deixando esta tarefa exclusivamente para o computador:

⁵1- O que os sublinhados significam?

2- Você mudaria seu texto inicial agora que usou o computador? Por quê?

3-O que você sentiu em escrever no mundo digital?

4-Qual é o melhor para você escrever em papel ou computador?

Na verdade, para mim é melhor a escrita digital, fica mais fácil para escrever. Mas tem um problema, porque você se acostuma com as correções [...] daí quando vai escrever no papel, erra. [...] o computador ajuda a escrever certo [...] mas mostra que não aprendi de verdade [...] Mas você pode pedir ajuda para ele [o computador] e pensar e tomar cuidado e controlar sua escrita pessoal [manuscrito] (DOUGLAS - resposta à pergunta 3).

As informações desta segunda etapa, aliadas às obtidas na primeira, apontam quase que para um paradoxo, pois os surdos entendem que o Português é importante para eles se incluírem no mundo ouvinte, têm consciência das características presentes na sua escrita na língua portuguesa e reconhecem que o computador os auxilia a escrever melhor; mas, quando se trata de estabelecer qual forma de escrita tem sua preferência, não existe preponderância da escrita digital sobre a manuscrita, pois apenas quatro dentre os dez entrevistados responderam preferir a escrita digital. Isto indica que, para uma parte expressiva dos colaboradores desta investigação, os equívocos cometidos não incomodam, ou seja, que escrever sem atender às normas da língua portuguesa é algo que já se naturalizou para eles.

Dois colaboradores declararam preferir exclusivamente escrever no papel, enquanto outro estabeleceu sua preferência pelo papel, mas se fosse necessário, utilizaria o computador, dependendo da situação. Para outros três colaboradores digitar ou escrever à mão é indiferente. E destacaram que as duas formas são importantes, conforme ilustra o excerto a seguir:

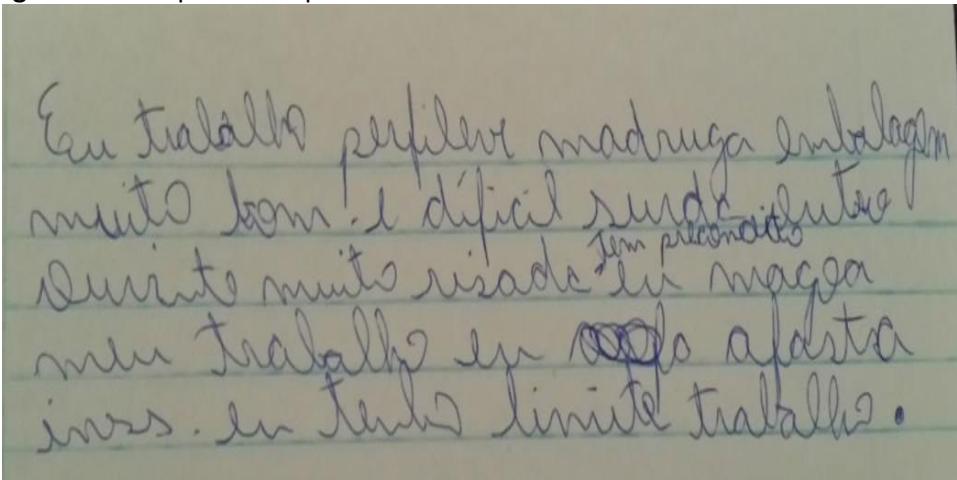
Para mim, melhor os dois, porque o papel é durável, quem sabe computador quebra e fico desesperada [...] também papel pode pegar fogo, então melhor usar os dois. Escrever ou digitar os dois. Eu uso os dois (FABÍOLA - resposta à pergunta 4).

Para identificar se a utilização da escrita pelos entrevistados corresponde ao que pensam, após essa entrevista, foi solicitado que eles narrassem, agora utilizando a Libras (o que foi gravado e posteriormente transcrito), o manuscrito produzido. Seis dos participantes somente traduziram para Libras seu manuscrito, apoiando-se na leitura e sinalizando simultaneamente em Libras, não na forma de Português sinalizado. Outros fizeram seu relato de memória e pouco alteraram o texto.

Pudemos perceber que nesta última atividade, os colaboradores ficaram empolgados e a narrativa demonstrou ser mais complexa, completa e profunda do que o texto escrito produzido. Uma colaboradora, Cristina,, todavia, chamou a atenção. Exatamente o que possui o menor grau de escolaridade e que apresentou maiores dificuldades em todas as etapas anteriores da entrevista, particularmente em compreender o que lhe era indagado, fez o relato sinalizado “de memória” e o que havia escrito em apenas quatro linhas e que ao ser digitado ficou reduzido a duas em função de sua dificuldade com o Português, foi transcrito e digitado em 13 linhas.

Para ilustrar este fato, trazemos na Figura 1 o que Cristina escreveu e como narrou sua vida em Libras, primeiro, o que ela escreveu:

Figura 1. Texto produzido por Cristina



Fonte: As autoras

A seguir, apresentamos a transcrição do que Cristina narrou em Libras: *Eu trabalho na madrugada, trabalhar com o silêncio é bom e tranquilo. Finjo não ter surdos ao meu redor no trabalho. Eu e um ouvinte conversamos, os outros ouvintes me olham, riem por causa dos gestos e provocam. Eu vejo e me amarguro no coração, fico magoada. Acho que estou no limite e estando magoada, fico quieta. Um dia, aconteceu um problema no meu ombro e recebi INSS, fiquei afastada. Sinto que tenho limites no meu trabalho, sei lá. No passado, trabalhei na Recco, hoje sou diarista e trabalho na Perfilve, O INSS*

venceu, sinto dor no meu ombro, o médico do trabalhador me liberou a voltar ao trabalho. Estou voltando e a dor no ombro continua, tenho medo de reaparecer o problema. Nossa, dói muito e sinto barulho no ombro. Falei para alguém do trabalho: “desculpe, meu ombro está aumentando a dor de novo, estou tomando remédio e parei de trabalhar há 5 meses e estou recebendo INSS. Só!

O desempenho de Cristina demonstra que seu pensamento fluiu muito mais em Libras, ficando limitado pela escrita. Isto demonstra que quando pensa e se expressa em Libras, o surdo é fluente e profundo. O caso de Cristina foi o que mais se destacou, entretanto, os demais colaboradores que não leram seus respectivos textos, aprimoraram seus relatos, inserindo novas observações.

As análises dos resultados dessas duas etapas apontaram que os entrevistados tinham acesso e familiaridade no uso de recursos tecnológicos; consideravam o conhecimento da língua portuguesa escrita importante, reconheceram que *softwares* podem auxiliar na correção dos equívocos cometidos, porém, dois aspectos não previamente considerados ficaram evidentes: ao contrário do que nossa conjectura inicial previa, emergiu a consideração de que o uso das ferramentas tecnológicas os afastavam da língua escrita, mencionado por dois dos entrevistados e a naturalização em relação aos equívocos apresentados em suas produções escritas.

Para a consecução de todos os objetivos específicos e finalmente responder à nossa questão central de pesquisa, restava identificar a competência dos colaboradores em relação à leitura e interpretação de textos, uma vez que a leitura é componente indissociável da escrita. Esse foi o objetivo da terceira etapa.

Etapa 3 ou *O uso social da Língua Portuguesa escrita pelo surdo: competência na interpretação de uma notícia*

Para a terceira e última etapa de nossa investigação tivemos como pressuposto que a aprendizagem da escrita não é considerada opcional na educação de surdos. Mas estaria essa aprendizagem acontecendo de forma efetiva? Assim, a questão norteadora desta etapa foi: *Os surdos que avançaram em sua escolaridade e, portanto, são alfabetizados, teriam*

competência para interpretar um texto em todos os seus detalhes e de serem fiéis ao que estão lendo, isto é, sem realizar inferências a respeito?

Esta pergunta é pertinente porque, na maioria das vezes, em situações de ensino com a presença do intérprete, o surdo raramente faz as leituras, pois, os conteúdos geralmente são interpretados. Além disso, o surdo pode ser alfabetizado, no sentido de que consegue ler o que está escrito, mas nem sempre se apropria do significado do texto. Dito de outra forma, na alfabetização, o indivíduo aprende a escrever pelo processo convencional, atribuindo valor sonoro para letras, sílabas e palavras. Está “aprendendo e adquirindo” novas palavras e construindo a estrutura gramatical. Dependendo da maneira como a criança ou o adulto é alfabetizado, podem ser apresentadas palavras e frases desconhecidas, e orientado pelo conhecimento da dinâmica do sistema alfabético o aprendiz consegue ler o que está escrito. Essa leitura nem sempre conduz à compreensão do significado do conteúdo lido.

Para a produção dos dados o instrumento foi uma notícia de um *site* na internet e o objetivo foi identificar a interpretação deste texto pelos colaboradores. Para isso foi solicitado aos participantes que o lessem e o explicassem em Libras. O que procurávamos era saber se a informação apresentada pelo texto fora compreendida por eles.

A notícia relata um acidente de carro. Apesar de estar disponibilizada *on-line*, imprimimos a matéria e entregamos para os colaboradores da pesquisa, o que se revelou apropriado, uma vez que a maioria deles precisou ler mais de uma vez para compreender. A seguir, o fragmento da notícia que foi instrumento para a coleta de dados desta etapa.

Três pessoas morreram em um acidente entre um carro e uma caminhonete na manhã desta sexta-feira (29). Segundo a Polícia Rodoviária Federal (PRF), a batida de frente foi no km-442, da BR-369, em Ubitatã no oeste do Paraná. De acordo com a PRF, o motorista da caminhonete, que seguia no sentido Campo Mourão, no centro-oeste do estado, invadiu a pista contrária e bateu contra o carro. Ele fez o exame do bafômetro, que não apontou a ingestão de álcool. Dois homens, de 35 e 48 anos de idade, e uma mulher, de 36 anos, que estavam no carro morreram no local. Os corpos foram levados para o Instituto Médico-Legal (IML) de Campo Mourão. O condutor da caminhonete, de 24 anos, teve ferimentos leves e foi encaminhado para um hospital em Ubitatã. Segundo a PRF, ele vai responder por triplo homicídio.
<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2015/05/tres-pessoas-morrem-em-acidente-entre-carro-e-caminhonete-na-br-369.html>

Fonte: Carneiro (2016, p. 136)

Todos os participantes leram o texto noticiando o acidente no *site* e, então explicaram em Libras o que haviam compreendido. Depois de uma primeira tentativa de leitura no *site*, todos passaram a se valer da notícia impressa. Foi possível constatar que, de maneira geral, todos compreenderam a notícia. Entretanto, alguns detalhes ou foram omitidos ou criados por alguns deles.

Apenas quatro participantes leram a notícia e a interpretaram sem fazer a tradução literal, isto é, ler e passar para Libras “palavra por palavra”. Pudemos identificar que quatro deles (Alice, Daiane, Samuel e Fabíola) apresentaram uma boa compreensão da notícia, embora não tenham especificado alguns detalhes e criado outros que não constavam do texto.

Alice demonstrou ter compreendido bem a notícia, mas omitiu a parte referente ao motorista que provocou o acidente ser indiciado pelo triplo homicídio. Será que ela não compreendeu ou entendeu que esta informação não era relevante?

O assunto é acidente, três pessoas [*cara triste*]. A notícia falou que três pessoas no veículo, só um homem de outra caminhonete. Os dois veículos em movimento, quando a caminhonete passou para pista contrária e bateu com o outro veículo. Neste veículo, três pessoas morreram na hora, no local do acidente. Dois homens, um com 35 e o outro com 48 anos, e uma mulher de 36 anos, todos morreram. Um homem se feriu levemente e foi para um hospital em Ubatuba [*soletrou*]. [*Pausou e releu o texto*]. Os policiais desconfiaram, então ele entregou o bafômetro para ver se o motorista estava bêbado e teria, assim, causado o acidente. O homem não havia bebido nenhuma bebida alcoólica. Com [não sinalizou ferimentos] leves foi para o hospital (Alice).

Daiane, por sua vez, além de não mencionar o encaminhamento dos corpos ao IML acrescenta informações que não aparecem na notícia e que resultam de suas reflexões.

Assunto é uma notícia de jornal, relatando o que aconteceu no dia 29, sexta feira de manhã. O que aconteceu? Aconteceu que na estrada BR 369, região de Ubatuba do Paraná teve um acidente de caminhonete. Um motorista de 24 anos, sozinho, correu dirigindo normalmente, ele foi precipitado na ultrapassagem. No outro carro, 3 pessoas, 2 homens de 35 e 48 anos de idade, uma mulher, 36. Os dois veículos bateram de

frente, no carro com 3 pessoas. Todas morreram na hora. O homem da caminhonete, jovem, 24 anos, não morreu. O grupo de polícia investigou o bafômetro e não encontrou nada de álcool. Mas motorista da caminhonete vai para justiça devido à morte das 3 pessoas (Daiane).

Percebe-se a presença de inferências como afirmar que o motorista estava dirigindo normalmente, mas que foi precipitado. Como ela pode fazer tais afirmações, uma vez que a notícia apenas informa que o motorista invadiu a pista contrária.

Samuel não só omite a questão do bafômetro como faz inferências ao afirmar que o motorista ultrapassou na faixa amarela proibida, informação que não consta na notícia; não menciona que o motorista será indiciado pelo triplo homicídio. Simplesmente desconsiderou esta informação ao encerrar sua explicação sinalizando “só”.

O jornal mostra um acidente de veículos que aconteceu em Ubatã entre um carro e uma caminhonete. Tinha 3 pessoas num carro. Tinha um homem numa caminhonete. As três pessoas eram, 2 homens, com 35 anos e o outro com 48, e uma mulher de 36 anos. Na caminhonete, outro homem jovem, com 24 anos. O homem na caminhonete estava viajando na avenida. Ele ultrapassou na faixa amarela proibida. Contudo, ele bateu contra o outro carro com 3 pessoas que morreram na hora. O homem da caminhonete não morreu, sobreviveu e só teve machucados leves. As 3 pessoas mortas foram levadas para o IML em Campo Mourão. E o homem sobreviveu e foi para um hospital de Ubatã. Só (Samuel).

Fabíola demonstrou ter a mais completa compreensão da notícia lida, talvez por recorrer ao texto impresso da notícia durante toda sua explicação. Ela não deixou nenhum detalhe sem ser mencionado, inclusive repetindo alguns.

Agora, o jornal divulgou sobre acidente de carro, 3 pessoas mortas por causa de um acidente. Um carro e uma caminhonete, sexta feira de manhã. A Polícia foi ver o acidente que fica na BR 368, ops, é 369. Certo 369! Lá em cidade de Ubatã, a caminhonete estava indo para Campo Mourão, sabe como é a pista (mão dupla: uma ida e uma volta). O homem da caminhonete ultrapassou na outra pista [*contraria*]. Não pode ultrapassar, mas ele ultrapassou. O carro e a caminhonete bateram de frente. O homem de caminhonete foi fazer o exame para verificar se

estava alcoolizado, mas nada [*não estava*]. No carro, dois homens de 35 e 48 anos de idade, e uma mulher 36 anos de idade, morreram. E o outro homem da caminhonete, com 24 anos, ficou levemente ferido, mas está no hospital em Ubatã. [*Lendo e narrando*] Os três morreram na hora e foram levados para o IML em Campo Mourão. E de novo, o homem da caminhonete, com 24 anos, com ferimentos leves [*repetido*], foi levado para um hospital em Ubatã, ele vai responder pelo motivo do acidente que matou três pessoas no carro (Fabiola).

Os demais participantes (seis) que optaram pela tradução palavra por palavra, omitiram detalhes ou fizeram inferências, sendo que um deles teve muitas dificuldades, pois necessitou de esclarecimentos constantes da pesquisadora surda para compreender o significado de palavras como “triplo”, “pista”, “apontou”.

Estes resultados corroboram com os estudos de Fernandes (2006), para quem os surdos, em suas tentativas de leitura, procuram justapor as estruturas da Libras e da língua portuguesa, dificultando a compreensão do texto escrito.

Ao se depararem com o texto escrito, o primeiro impulso é ir sinalizando linearmente palavra por palavra (pulando as desconhecidas), o que é uma estratégia inadequada que não garante a compreensão dos enunciados. Primeiro por não haver isonomia estrutural (correspondência termo-a-termo) entre o português e a língua de sinais. Segundo, porque sinalizavam o primeiro significado que lhes vinham à cabeça, não necessariamente o sentido atribuído à palavra no contexto (FERNANDES, 2006, p.11).

Cristina apresentou muitas dificuldades. Conseguiu entender que houve um acidente de carro e que morreram pessoas. Confundiu a palavra Rodoviária da expressão Polícia Rodoviária, com Estação Rodoviária. Entendeu Instituto Médico Legal - IML como sendo um médico “legal”. Sem os esclarecimentos que solicitou à pesquisadora surda não conseguiria sequer uma noção geral da notícia:

O assunto é uma notícia de jornal que relata um acidente. Três pessoas morreram no carro que bateu em um caminhão. De manhã, dia 29 sexta feira, segunda hora policial, Polícia Rodoviária [*sinalizado como estação*]

rodoviária] Federal, o local da batida foi no endereço PR 432 BR 369 - Ubitatã [*soletrou*] no oeste do Paraná. O acordo [*senal de confirmação*] ou acordo [*senal de despertar*], sei lá. É acordo [*soletração*] de PRF, o motorista de caminhão foi no sentido para Campo Mourão, no Centro Oeste do Estado. Não sei o que é pista? Desculpe, o que é pista? Não sei [*A pesquisadora sinalizou pista*]. Ah, pista é o chão de estrada. O acidente de carro foi encontrado, o homem fez exame de bafômetro? É para expirar o ar no aparelho de bafo? [*pesquisadora sinalizou "sim"*]. Esqueci, desculpe. Que é A-P-O-N-T-O-U [*soletrou*] de ingestão [*soletrou*] de álcool. Dois homens de 35 e 48 anos de idade, uma mulher de 36 anos, estavam mortos no carro. Os corpos foram levados para o lugar de IML - Médico legal [*demonstrando emoção*] em Campo Mourão. O condutor [*soletrou e não sabe o que é*] homem de caminhão foi para hospital em Ubitatã [*soletrou*]. Segundo [*soletrou*] PRF vai responder sobre triplo [*perguntou o que é triplo. A pesquisadora esclareceu 3*]. Ah sinal é 3, 3 homicídios. São mortos. Só (Cristina).

Dos cinco outros participantes, um teve uma boa compreensão da notícia, embora simplesmente soletrasse algumas palavras como IML de Campo Mourão. Não há como afirmar se ele compreende o significado desta sigla:

O assunto do jornal é um acidente. 3 pessoas foram mortas por causa de um acidente de carro, com uma caminhonete. Aconteceu de manhã, dia 29 sexta feira. A Polícia Rodoviária Federal investigou e encontrou o caso no local, no KM 442 BR 369 em região de Ubitatã [*fez sinal e soletrou*], é do Paraná, fica no Oeste. O Motorista da caminhonete estava a caminho de Campo Mourão, e ultrapassou. Outro carro que estava vindo e aconteceu a batida [*contra caminhonete*]. Então aconteceu, a polícia quis fazer o bafômetro no homem que fez a ultrapassagem para verificar se ele tinha álcool ou não. Não tinha nada de álcool mesmo. Fez ultrapassagem e bateu no outro carro. No carro, dois homens de 35 e 48 anos, também uma mulher de 36 anos foram mortos. Os corpos foram encaminhados para o IML em Campo Mourão [*sinalizou e soletrou*]. E o motorista da caminhonete, 24 anos, teve o corpo machucado levemente e foi encaminhado para Ubitatã [*sinalizou e soletrou*], quando ele estiver estável, a polícia vai divulgar sobre o motorista da caminhonete que cometeu homicídio. Terminei o assunto do jornal (Rodrigo).

Houve perguntas sobre o significado de palavras como “bafômetro” e “homicídio”, que são palavras bastante comuns em jornais. A palavra “apontou” também não foi compreendida por alguns colaboradores, entretanto, após esclarecimentos por parte da pesquisadora, conseguiram avançar, como Douglas, que não sabia o que era “homicídio”. Mas, posteriormente à explicação, inferiu que a polícia já havia investigado o que havia acontecido e que posteriormente divulgaria pela *internet*:

Então, o jornal espalhou o acontecimento. 3 pessoas bateram, ops, desculpe. Espere. [*Lendo novamente*]. Foi pouco tempo atrás, sexta feira de 29, três pessoas morreram por causa de um acidente. Um carro e uma caminhonete. A Polícia Federal investigou o que havia acontecido lá na mesma rua, local é KM 422, o caminho é perto de Ubatã no Oeste do Paraná. Então, a polícia investigou sobre acontecimento, a caminhonete no caminho bateu em outro carro, dois veículos envolvidos. A polícia investigou ele que fez bafômetro, nada de álcool. Outros homens acidentados no carro ficaram, mortos. Tinham 38 e 48 anos de idade, não é, é 35, e uma mulher de 36 anos de idade ficaram mortos no carro. Os corpos foram levados para Campo Mourão e os mortos deixados no IML. O motorista da caminhonete ficou ferido e doente, e foi levado para um hospital em Ubatã. A polícia investigou o que havia causado o acidente, levando à morte de 3 pessoas. Depois ela vai divulgar pela internet (Douglas).

Palavras polissêmicas em Português também se configuraram como problema na interpretação da notícia pelos surdos, a expressão “segundo a polícia”, foi interpretada por três dos colaboradores de maneira equivocada, pois interpretaram a palavra segundo como número ordinal, o que comprometeu o sentido. Outra palavra que gerou dúvidas foi “acordo” (de acordo) que um dos sujeitos não sabia se se tratava de “confirmação” (de acordo) ou de “despertar” (acordar pela manhã).

Eloísa fez uma primeira leitura e perguntou as palavras que não conhecia, como *apontou* e *homicídio*. Nada perguntou sobre a palavra segundo, que interpretou como número ordinal e mesmo tenho o texto ficado sem sentido ao interpretar “Segundo a Polícia ...” como 2º a Polícia, isto não a intriga. Além disso, mesmo interpretando palavra por palavra, omite trechos importantes, como, por exemplo, que os corpos foram levados para o IML de Campo Mourão e também parece não compreender que “corpos” se referem a

cadáveres, pois afirma que o “corpo do motorista” da caminhonete e não o motorista da caminhonete foi levado ao hospital de Ubiratã:

Assunto é notícia de jornal sobre acidente. 3 pessoas morreram de acidente de veículos batidos de frente. Era um carro e uma caminhonete. Sexta-feira, dia 29, o segundo [número ordinal 2º] de Polícia Federal foi no local de trânsito, KM 440, é o local de trânsito em cidade de Ubiratã [soletrou], no Oeste [soletrou] do Paraná. O Motorista da caminhonete foi para Campo Mourão que bateu contra o carro, fez exame de bafômetro e não foi encontrado nada de álcool. 2 homens, um com 35 e o outro com 48 anos de idade e, uma mulher com 36, morreram, no carro, no mesmo lugar do acidente. O motorista da caminhonete, 24 anos, ficou ferido, seu corpo foi para hospital de Ubiratã [soletrou]. Ele responderá pelo motivo do acidente que levou ao que aconteceu: 3 pessoas mortas dentro do carro (Eloisa).

Apesar da tradução “palavra por palavra” da língua portuguesa para a Libras ter sido incorreta devido à polissemia das palavras “rodoviária”, “acordo” os participantes aparentaram ter compreendido o fato geral expresso no texto:

O assunto do Jornal é um acidente de veículo. Vou explicar a história. Três pessoas sofreram acidente de veículo. Um carro aqui e um caminhão simples pequeno em outro lugar. Foi de manhã, sexta feira passada. A Polícia, PRF [sinalizado como Polícia da Rodoviária] foi ao local. O acidente foi no KM 442, não sei onde fica. É em Ubiratã, a cidade, região.... O motorista de caminhão, um homem, ia rumo a Campo Mourão. O outro veículo, era um carro. Os dois bateram de frente. Um homem veio ver exame de bafômetro, e não constatou nada de álcool, nada mesmo, nem pinga. Dois homens, de 35 e 48 anos de idade, morreram e também uma mulher de 36 anos de idade, todos morreram no carro. Os quatro corpos... não! Os três corpos foram levados para IML em Campo Mourão. O homem do caminhão pequeno, foi levado para Ubiratã, ele teve ferimentos leves, simples e ficou no hospital (de Ubiratã). Simples é só isso (Tatiane).

Maurício também confunde “segundo”, no sentido de “de acordo com”; com 2º; confunde ingestão com intestino delgado; faz inferências sobre como o acidente aconteceu e de que a polícia divulgará os resultados da

investigação. Entretanto, faz questão de estabelecer o significado de Polícia Rodoviária Federal, explicando que não se trata da “estação Rodoviária”. Entende que “corpos” se refere aos mortos e é o único que sinaliza “homicídios”:

O assunto é o Jornal que divulgou: 3 pessoas mortas por causa de um acidente de carro. Um carro e uma caminhonete, sexta feira de manhã, dia 29. Segundo [*pensou era segunda feira, mas corrigiu para número ordinal*] polícia PRF [*narrou que o significado da sigla é Polícia Federal*]. O acidente foi entre dois veículos, com colisão frontal, no KM 442 BR 369, em Ubitatã, no Oeste do Paraná. De acordo com a Polícia, o motorista da caminhonete estava indo no sentido para Campo Mourão, no Oeste do Estado. Ele precipitou na estrada e ultrapassou na outra pista, errou e aconteceu o acidente com o outro carro que estava vindo. Aconteceu, os dois bateram de frente, mas a Polícia já fez o teste do bafômetro para ver se tem álcool, mas não tem nada, o intestino delgado [*para Ingestão*] nada álcool. Dois homens, com idade de 35 e outro 48 anos, e uma mulher de 36 anos, estavam no carro, mortos e foram levados para o IML de Campo Mourão. No outro veículo, a caminhonete, um homem com 24 anos de idade, teve ferimentos simples. Ele foi levado para o hospital de Ubitatã. Segundo [*senal de número ordinal*] Polícia Federal vai investigar sobre 3 homicídios e depois divulgará (Maurício).

O conhecimento da Libras demonstrado por alguns dos participantes também se mostrou insuficiente pois recorreram à soletração, em muitos casos, indicando desconhecimento de vários sinais. Sete deles não identificaram as preposições, por exemplo, “no carro” em Português escrito, e que deveria ser interpretado por “dentro carro” em Libras, foi sinalizada apenas por “carro”, o que não retrata a realidade da notícia pois, “estar dentro” é diferente de “estar fora” do carro.

Nenhum participante sinalizou a palavra “invadir” e, estranhamente, nenhum deles perguntou o significado desta palavra, demonstrando como eles estão habituados a contextualizar o que leem. Ou seja, a compreensão da notícia é influenciada pelas inferências pessoais. Ao se defrontar com lacunas em sua interpretação, algumas vezes decorrentes da incompreensão dos significados das palavras, a imaginação dos sujeitos procura “explicar” o ocorrido, complementando essas lacunas. Neste caso específico, a criação de detalhes ou explicações não causou grandes prejuízos para a compreensão do

texto, embora uma “invasão da pista contrária” possa ocorrer em diferentes circunstâncias que não a de uma ultrapassagem “precipitada” ou em “local proibido”. Mesmo quando não há lacunas, como quando entenderam segundo como 2º, parece que os sujeitos “criam” a lacuna, ou seja, não consideram a palavra em questão ao buscar estabelecer sentido para o que leem.

Os resultados desta terceira etapa confirmam as considerações de Silva (2008), para quem o aprendizado do Português escrito é ainda um enorme desafio no campo da educação de alunos surdos usuários ou não de Libras, particularmente no que se refere à interpretação de textos.

Conclusões

Consideramos que nossos resultados indicam que os surdos brasileiros, urbanos, alfabetizados e letrados utilizam a maioria dos recursos tecnológicos disponíveis, embora, nem sempre a comunicação se efetive, em função de eles possuírem um repertório lexical bastante restrito em português. A qualidade dos conteúdos das informações trocadas, mesmo entre surdos alfabetizados aumenta em complexidade e aprofundamento, quando as mensagens são em Libras. Dito de outra forma, o conteúdo da comunicação entre surdos e entre surdos e ouvintes efetivada mediante a língua portuguesa escrita geralmente é contextualizado e simples, o que evidencia que o uso social da escrita não está possibilitando avanços em sua apropriação pelos surdos.

Entretanto, esse novo modelo de convívio social, que permite que as distâncias sejam minimizadas pela comunicação virtual, parece apresentar novas possibilidades para a adoção da escrita pelos surdos, a qual, sem uma ação sistematizada da escola parece não ser percebida por eles. Assim, consideramos a hipótese de que esses recursos tecnológicos podem ser utilizados como motivação e como ferramentas eficazes para que o surdo alcance melhor desempenho na escrita formal do Português.

A aquisição da língua escrita exige abstração de ouvintes e surdos, dos primeiros, porque a percepção da escrita se efetiva pela visão, porém, como a percepção da língua oral é auditiva, o apoio fonológico serve de apoio a esta abstração. No caso dos surdos, mesmo sendo ambas as línguas, a de sinais e a escrita visualmente perceptivas, a escrita, por não se apoiar em imagens, exige dos surdos um esforço maior de abstração. É como se no cérebro deles existisse um “dicionário” capaz de converter a leitura para o Português e, em

seguida, para a Libras, para então ser compreendida pelos surdos. No caso da escrita, o caminho é o inverso: o surdo pensa em Libras, converte seu pensamento para a língua portuguesa, para então escrever.

A escrita é distante da “fala” do cotidiano, pois na escrita formal utiliza-se a norma culta da língua. A escrita produzida com os recursos tecnológicos, particularmente com recursos interativos, é mais flexível e isso facilita a comunicação dos falantes e até mesmo dos surdos sinalizadores. Isso porque, nessas situações, não se exige o uso da norma culta da língua, tornando-a mais próxima da “fala” entre as pessoas.

As ferramentas tecnológicas disponíveis possibilitam aos surdos uma interação social como nunca foi possível antes, tornando-os cidadãos visíveis para a sociedade e autônomos na condução da própria comunicação.

A primeira etapa da investigação nos permitiu constatar que com a acessibilidade aos recursos tecnológicos, as relações familiares, sociais e mesmo profissionais dos surdos melhoraram sua qualidade. Um ponto em comum entre os sujeitos foi a afirmação sobre a importância do avanço dessas tecnologias. Na entrevista realizada nessa primeira etapa alguns dos participantes relataram que antes da década de 1990, como existia pouca acessibilidade de comunicação virtual, eles pediam à família, amigos, ou alguém ouvinte para telefonar e mandavam cartas que demoravam a chegar e, assim, demoravam a receber as respostas. Quando tinham urgência em se comunicar com os amigos surdos, a saída era ir de bicicleta, de transporte coletivo ou qualquer outro veículo para conversar pessoalmente.

De maneira geral, os surdos consideram que os recursos tecnológicos facilitaram sobremaneira a comunicação entre eles, além de possibilitar o acesso à informação sobre o que acontece no mundo com o uso da internet. A própria investigação realizada confirma esta afirmação, afinal, se as questões para as entrevistas realizadas não tivessem sido traduzidas para Libras e gravadas em vídeo, assim, como as respostas a essas questões não pudessem contar com tais recursos talvez esta investigação não fosse possível. Como registrar as respostas em Libras dos sujeitos, sem os vídeos? Ficariamos restritos às informações escritas e como a escrita do surdo é limitada, teríamos também informações limitadas.

Ao colocarmos, durante a realização da segunda etapa da investigação, uma “intenção educacional”⁶ na utilização dos recursos tecnológicos como o *Word* buscando facilitar a aprendizagem da língua escrita concluímos que os surdos possuem não apenas a percepção, mas a consciência dos equívocos que cometeram ao redigir um manuscrito. Perceberam também a limitação que a escrita lhes impõe, o que ficou evidente, por exemplo, quando comparamos a história de vida de Cristina, expressa por ela em seu texto manuscrito e a que foi relatada em Libras. Entretanto, mais até por não estarem interessados em corrigir seus erros, para eles a utilização apenas social da língua portuguesa é suficiente e assim, a comunicação mesmo repleta de equívocos e limitada os satisfaz.

Para os surdos participantes da pesquisa o fundamental é se fazerem entender, e isto ocorre, mesmo com os equívocos cometidos em sua escrita. A intenção de se fazer entender se sobrepõe ao esforço para dominar o português escrito, a despeito dos resultados da primeira etapa ter demonstrado a unanimidade entre os entrevistados de que conhecer a língua portuguesa na modalidade escrita é fundamental para os surdos.

Desta forma, todos reconhecem a importância deste conhecimento, possuem consciência das dificuldades em produzir textos, porém, nem todos têm clareza das próprias limitações na interpretação de textos. Isto ficou evidente na realização da terceira etapa com as dificuldades apresentadas pelos surdos em compreender a notícia e, principalmente, em serem fiéis ao que estavam lendo.

Aqui merece uma menção à cultura surda. Enquanto no meio ouvinte dificilmente pessoas iletradas e cultas convivem intensamente no meio social, com exceção das relações familiares, esta situação é bastante comum entre os surdos, fora do contexto escolar e familiar, sem que o fato de ser iletrado em língua portuguesa se constitua em fator de exclusão social ou de preconceito na comunidade surda. Portanto, a comunicação entre surdos letrados e iletrados em língua portuguesa é uma constante, razão pela qual a utilização do recurso “vídeo” seja praticamente indispensável para essa comunidade.

Essa investigação mostrou ainda que, embora todos os sujeitos colaboradores fossem educados na perspectiva oralista, e, portanto, com

⁶ Por “intenção educacional” consideramos a possibilidade de o *software* colaborar com a aprendizagem da língua escrita ao mostrar os equívocos cometidos.

ênfase na aprendizagem da língua portuguesa, apresentaram dificuldades na produção e na interpretação de textos.

Então, conjecturamos se com a possibilidade da comunicação virtual em Libras, afinal os próprios sujeitos afirmaram que com a possibilidade da comunicação à distância em Libras, cada vez mais se restringe o uso social do Português escrito e com a adoção da abordagem bilíngue, com suas respectivas conquistas, como o direito ao intérprete, particularmente o intérprete educacional; os critérios diferenciados para a correção de questões discursivas ou produções textuais podem minimizar os esforços dos estudantes surdos e da própria escola no ensino da escrita e da leitura e assim, pesquisas como esta, se realizada futuramente não apontariam para maiores dificuldades dos surdos com a língua portuguesa.

Não estamos aqui desconsiderando a importância dessas conquistas, o que propomos é que, uma vez tendo o surdo adquirido sua primeira língua, a Libras, que o ensino da língua portuguesa escrita constitua parte integrante e prioritária nos currículos das escolas inclusivas e bilíngues, ou seja, que os surdos tenham acesso a um currículo adaptado que contemple este estudo.

As novas tecnologias podem representar, para alguns surdos uma ressignificação do sentido social da escrita do português, mesmo nem todos os surdos estando preocupados com essa relação. Mas, seguramente, ao ampliar as possibilidades comunicativas, pelo uso de vídeos, imagens e da escrita, as tecnologias de informação revolucionaram o universo social de sujeitos surdos conferindo-lhes uma vida mais autônoma.

Desta forma, todos reconheceram a importância do conhecimento da língua portuguesa escrita, mas nem todos tiveram clareza que suas produções textuais não estavam em consonância com as normas da língua portuguesa e não perceberam o potencial das ferramentas digitais para auxiliá-los. Cabe à escola aproximar os surdos das possibilidades dos recursos tecnológicos para a aprendizagem da língua portuguesa escrita.

Referências

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial**, 1994.

BRASIL. **Lei federal nº 10436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências, 2002.

CARNEIRO, M. I. N. **O uso social das tecnologias de comunicação pelo surdo:** limites e possibilidades para o desenvolvimento da linguagem. 2016. 200f. Dissertação. Educação. Universidade Estadual de Maringá - UEM, Maringá/PR, 2016.

CARNEIRO, M. I. N., SILVA, T. S. A. DA, NOGUEIRA, C. I. Uso Social da Língua Portuguesa Escrita pelo surdo: competência na interpretação de uma notícia. **Imagens da Educação**, v. 7, n. 3, p. 13-25, 2017.

CARNEIRO, M. I. N.; NOGUEIRA, C. M. I.; SILVA, T. S. A. Recursos tecnológicos nas interações cotidianas de adultos surdos. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA E ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2018. São Carlos/SP, **Anais...**, São Carlos: UFSCar, 2018 (meio digital).

CARNEIRO, M. I. N.; NOGUEIRA, C. M. I.; SILVA, T. S. A. A percepção de surdos acerca dos equívocos cometidos em suas produções escritas. *In*: VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2018, São Carlos/SP, **Anais...** São Carlos: UFSCar, 2018 (meio digital).

CARNEIRO, M. I. N.; NOGUEIRA, C. M. I.; SILVA, T. S. A. A importância da língua portuguesa escrita nas interações cotidianas de adultos surdos. *In*: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2018, Foz do Iguaçu, Cascavel, **Anais...** Foz do Iguaçu, 2018, Cascavel, UNIOESTE, 2018 (meio digital).

CÔNSOLO, A. T. **A tecnologia na comunicação entre surdos:** Efeitos do computador, da internet e do celular na comunicação escrita entre surdos. São Paulo: Novas Edições, 2014.

FERNANDES, S. Letramentos na Educação Bilíngue para Surdos. *In*: Berberian, A. P.; Mori-de-Angelis, C. C.; Massi, G. (Orgs.). **Letramento:** Referências em saúde e Educação. 1ed. São Paulo: Plexus, v. 1, 2006, p. 117-144.

GOETTERT, N. **Tecnologias Digitais e Estratégias Comunicacional de Surdos:** da vitalidade da Língua de Sinais à necessidade da Língua Escrita. 2014. 164 f.

Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo-RS, 2014.

SILVA, T. S.A. A aquisição da Escrita pela criança surda desde a Educação Infantil. Curitiba: UFPR, 2008 .